



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS-CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES-DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**AS CORES E A PROFUNDIDADE DA VIDA EM O VOO DA GUARÁ VERMELHA
DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

MARIA APARECIDA BARRETO FERNANDES

CATOLÉ DO ROCHA

2017

MARIA APARECIDA BARRETO FERNANDES

**AS CORES E A PROFUNDIDADE DA VIDA EM O VOO DA GUARÁ VERMELHA
DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora:
Prof^a. Ma. Maria Fernandes de A. Praxedes

CATOLÉ DO ROCHA

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F363c Fernandes, Maria Aparecida Barreto
As cores e a profundidade da vida em O voo da guará vermelha de Maria Valéria Rezende [manuscrito] / Maria Aparecida Barreto Fernandes. - 2017.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.
"Orientação: Me. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades".

1.Simbologia 2.Cores 3.Vida 4.Identidade I. Título.
21. ed. CDD 801.95

MARIA APARECIDA BARRETO FERNANDES

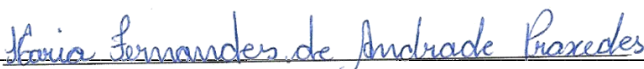
**AS CORES E A PROFUNDIDADE DA VIDA EM O VOO DA GUARÁ VERMELHA
DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

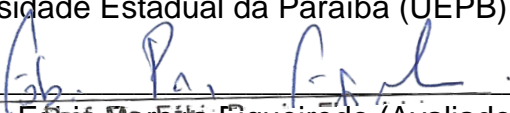
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.


Orientadora:
Prof^ª. Ma. Maria Fernandes de A. Praxedes

Aprovado em: 09/08/2017

BANCA EXAMINADORA


Prof^ª. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo (Avaliador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Auribio Farias Conceição (Avaliador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu filho Luiz Philype Barreto Sales, razão do meu viver e luz dos meus olhos, por quem busco dias melhores, **DEDICO**.

AGRADECIMENTOS

A Vaneide Lima, coordenadora do curso de Letras, por seu empenho, compromisso e dedicação em fazer sempre o melhor para todos que fazem a UEPB.

À professora Maria Fernandes de Andrade Praxedes, pelas leituras significativas ao longo dessa orientação, pela dedicação, compromisso e respeito para comigo, e por suas sábias orientações.

A Deus, por permitir a realização desse sonho tão expressivo em meu viver.

A minha mãe Aidêe Barreto, pelo amor, carinho, compreensão, apoio e ajuda que me ofereceu durante toda a minha vida.

Ao meu pai José Alcimar Fernandes, pelo incentivo e colaboração.

Ao meu esposo José Wellington, pela compreensão durante a minha ausência enquanto estive ocupada com as atividades acadêmicas e por todo amor que me oferece.

Ao meu filho Luiz Philype, pela demonstração de amor e carinho.

Aos meus irmãos Milagres, Jucimar, Maciel, Graça e Rosemary, pelo carinho, ajuda e por compreenderem minha ausência no seio familiar.

Aos meus queridos sobrinhos que alegam meus dias com sorrisos.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB, que contribuíram com o meu crescimento pessoal, em especial, a professora Flávia Márcia que possibilitou experiências ímpares enquanto graduanda.

Aos funcionários da UEPB, que contribuíram de forma direta e indiretamente para a realização deste sonho, em especial ao secretário Francisco Bezerra Neto, o qual teve importante participação durante a jornada em que estive no Curso.

Aos colegas de classe, pelos momentos de amizade e apoio, em especial às colegas Adriana, Arlene, Simone e Vitória, pelos momentos de estudos produtivos, críticos e conscientes, os quais nos possibilitaram crescimentos, por nossa amizade sincera, AGRADEÇO.

A literatura trazendo em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo porque faz viver.

(Antônio Candido)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A OBRA DE MARIA VALÉRIA REZENDE E A VOZ DOS EXCLUÍDOS	9
3	A MISÉRIA E O SENTIDO DA VIDA DE IRENE E ROSÁLIO	12
4	A FIGURAÇÃO DAS CORES EM <i>O VÔO DA GUARÁ VERMELHA</i> DE MARIA VALÉRIA REZENDE	15
5	CONCLUSÃO.....	28

REFERÊNCIAS

AS CORES E A PROFUNDIDADE DA VIDA EM O VOO DA GUARÁ VERMELHA DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Maria Aparecida Barreto Fernandes*

RESUMO

Este estudo consiste em compreender como os sujeitos se relacionam com as cores e de que forma isso influencia na formação da identidade individual e coletiva das pessoas. O estudo busca, por meio de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e descritiva, analisar a representação simbólica das cores na obra *O vôo da guará vermelha* (2005), de Maria Valéria Rezende. Para isto, recorreremos a reflexões teóricas de autores como Eliade (1991), Candido (1976), Chevalier; Gheerbrant (2015), Guimarães (2000) dentre outros. A partir das leituras relacionadas com o tema, foi possível perceber a relevância das cores no que tange à profundidade e à celebração da vida dos personagens do referido romance. A simbologia cromática faz parte do imaginário e do desenvolvimento psicossocial desde a antiguidade, arraigado no processo cultural, psicológico e cosmológico, sem, contudo, ficar preso apenas ao misticismo imputado, muitas vezes, à relação do homem com as cores.

Palavras-chave: Simbologia. Cores. Vida. Identidade.

1 INTRODUÇÃO

A cor, além de proporcionar diferentes sensações aos olhos de quem a vê, tem significado e importância reveladora de traços identitários, pois ao longo da história da humanidade a simbologia faz parte da vida e do comportamento humano, seja pela crença, superstições ou pela conformidade da personalidade de cada um em se relacionar com as nuances cromáticas. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2015), o símbolo tem uma função significativa na vida das pessoas, tanto no que diz respeito às emocionais individuais quanto às coletivas. Por isso, é comum perceber o estado espiritual, emocional e comportamental de uma determinada pessoa

* Aluna de graduação em Licenciatura Plena em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV. Email: cidabarreto31@gmail.com

assentada no tempo e no espaço de suas experiências fixadas na escolha e sincronia com certas cores.

Discutir a representação simbólica das cores na literatura é refletir sobre nossa própria existência e tentar compreender de que forma essa arte revela a influência das cores sobre nossas emoções, pois, mesmo que inconscientemente, somos guiados por um mundo de cores e seus sentidos. Essas significações presentes na ficção reforçam a necessidade de a literatura fazer parte das modalidades de direitos cabíveis ao ser humano, o ato de negar acesso literário independente das justificativas é considerado uma mutilação humana e de gravíssima consequência social, uma vez que a arte imita a realidade e vice-versa.

Em *O vôo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, a representação das cores assume sentidos expressivos sobre a condição existencial das personagens, seus dramas, suas perdas, embates, situações de desigualdades sociais e, principalmente, as formas de resistência dentro de uma sociedade desordenada, onde homens e mulheres parecem ser “invisíveis”, ofuscados por um sistema de poder e controle.

A perspectiva deste trabalho é refletir sobre a forma como a literatura constitui elementos formadores da identidade dos sujeitos para a sociedade, através da simbologia das cores, já que a obra permite pensar acerca da vida, das ações humanas em seus aspectos sociais e psicológicos. O interesse pelo tema e, principalmente pela obra de Rezende, surgiu a partir da leitura do romance e as inúmeras inquietações acerca das relações emblemáticas das personagens com cada cor, conforme o estado espiritual e da condição de vida dos protagonistas dentro do enredo. A intencionalidade consiste em refletir de que modo as cores influenciam diretamente nas culturas, religiões, ou seja, na vida das pessoas, e qual o verdadeiro significado delas no âmbito individual e coletivo, uma vez que, em diversos momentos da vida as cores denunciam as emoções e, com isso, a sua simbologia se reveste de significados para configurar a identidade cultural, religiosa e a condição social das pessoas.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro momento discorreremos sobre a autora Maria Valéria Rezende, suas experiências de vida e literária, com as quais a autora imputa uma fervorosa crítica à desigualdade social, ao analfabetismo e à obscuridade a que são submetidos os seres humanos, além de chamar a atenção para a força que impulsiona suas personagens a continuarem

sonhando com dias melhores para as suas vidas. No segundo bloco evidenciamos de forma concisa o enredo do romance *O vôo da guará vermelha* e nessa techedura rezendiana conhecemos a história de Irene, uma mulher nortista que se torna prostituta em São Paulo, e Rosálio, um servente de pedreiro analfabeto que reside na cidade grande, ambos têm uma vida marcada pela miséria e pela dor do abandono social, a relação dos dois se dá num processo de cooperação mútua na qual o discurso e a experiência do outrem excedem a degradação humana. No terceiro e último momento, dissertamos sobre a configuração das cores no romance de Maria Valéria Rezende, atentando para o sentido das cores na constituição da identidade das pessoas, a partir do imaginário e da simbologia vinculados na crença, na religião e nas experiências individuais e coletivas de pessoas que mesmo diante das pavorosas tragédias redescobrem o sentido da vida.

2 A OBRA DE MARIA VALÉRIA REZENDE E A VOZ DOS EXCLUÍDOS

Maria Valéria Vasconcelos Rezende¹ sempre teve contato com a literatura, desde criança manteve uma expressiva proximidade com a palavra cantada e escrita. O poeta Vicente de Carvalho seu tio-avô era integrante da ABL, fato que contribuiu e influenciou o gosto de Rezende pela Literatura, assim como toda família que tinha hábitos de leitura. Aos dez anos de idade a menina já havia lido praticamente todas as obras destinadas ao público infantil, e a falta de novos livros para satisfazer uma criança apaixonada por leitura possibilitou o encontro da garotinha com as obras para adultos. Foi com o aval dos pais que ela teve o primeiro contato com *A mão e a luva* de Machado de Assis, contagiada pelo gosto da mãe, Rezende leu muitas obras do “Bruxo do Cosmo Velho”, bem como de José de Alencar, Eça de Queiroz e entre muitos outros autores.

Em 1965 Rezende entrou para a Congregação de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho, e como freira missionária se dedicou à educação popular. No período da ditadura militar participou de movimentos estudantis católicos, lutando contra o regime, de uma maneira discreta o que não a tornava menos engajada na luta em defesa dos direitos e integridade física das pessoas. O fato de ter atuado de forma discreta durante esse período tão conturbado da história do Brasil não significava que estivesse isenta de riscos, mesmo assim ela não fraquejou diante das dificuldades, sua participação foi de grande valia para aqueles que

necessitavam de abrigo e segurança. Em entrevista ao O Globo a escritora relata um pouco sobre suas ações durante a ditadura:

Escondi muita gente e ajudei muita gente a sair do país. [...]. Eram pessoas sobre quem eu não sabia nada, mas que colocavam as vidas nas minhas mãos. E eu colocava minha vida nas mãos delas, porque se fossem pegas podiam me entregar. Não existe relação mais íntima do que essa, quando duas pessoas que não se conhecem confiam suas vidas uma a outra e depois nunca mais se veem. (O GLOBO, 2016).

Foi com atos de coragem e “rebeldia” que Rezende encarou a luta contra os militares em tempos marcados por forte opressão e censura, o que já era difícil para o homem, imagine para uma mulher, pois na década de 1960 as mulheres só podiam ser “mulheres” donas de casa e boas mães, e/ou buscar os caminhos da igreja, mas jamais adentrar as instituições predominantemente dominadas pela figura masculina.

À mulher era reservada a obrigação de apoiar os homens de sua família e ainda que soubesse pouco sobre as ações masculinas não questionavam e aceitavam tudo que era de interesse do cônjuge, pai ou irmão. Contrariando uma cultura eminentemente machista e patriarcal, Rezende transgrediu as regras vigentes da época, quebrou as amarras da inércia feminina e não hesitou em ajudar o próximo. Fruto do berço de uma educação religiosa, sua fé é elemento fundamental para acreditar ainda na humanidade, e isso explica sua luta em rechaçar a exploração das minorias. Vejamos um trecho da entrevista para O Globo no qual a autora se posiciona sobre as diferentes formas para se combater a ditadura:

Muitos da nossa geração optaram pela luta armada ou pela militância cultural, outros seguiram o caminho da educação. [...] A gente lê nos livros de história que, na segunda metade dos anos de 1970, surgiram no campo movimentos populares e sindicatos que ajudaram a enfraquecer a ditadura. Dito assim, parece geração espontânea. Mas é fruto do trabalho de pessoas que ficaram invisíveis para combater a ditadura nas periferias e nos campos, e que, de certa forma, continuam invisíveis. (O GLOBO, 2016).

Como uma combatente invisível Rezende auxiliou muita gente, e com o seu trabalho de educadora, seguidora das idéias de Paulo Freire, iniciou sua missão de alfabetizadora na periferia de São Paulo, e em 1972 mudou-se para o Nordeste, onde continuou e desenvolveu mais ainda seus projetos sociais voltados para a

educação popular. Radicada na Paraíba, a autora de *O vôo da Guará Vermelha* é defensora da literatura paraibana e revela seu amor pelo Nordeste e, sobretudo, pela cidade de João Pessoa.

Apesar de fazer parte de uma família de literatos, o seu contato com a literatura era apenas de leitora. E só estreou na ficção literária em 2001, com o livro de contos *Vasto Mundo*, o que segundo a autora foi quase por acaso, pois ela não tinha a intenção de se tornar escritora. No ano de (2005) escreveu a elogiada obra *O Vôo da Guará Vermelha*, objeto de estudo desta pesquisa. O romance ganhou o reconhecimento no meio acadêmico e com isso a visibilidade da escritora modesta ganha relevo entre a crítica e os leitores. Algumas de suas obras para o público infanto-juvenil merecem destaques, como o livro de contos *Modos de apanhar pássaros à mão* (2006), *O Arqueólogo do futuro* (2006); *O problema do pato* (2007); *No risco do caracol* (2008); *Conversa de passarinhos* (2008); *Histórias daqui e d´acolá* (2009); *Hai-Quintal- Haicais descobertos no quintal* (2011); *Ouro dentro da cabeça* (2012); *Jardim de menino poeta* (2012) e *Vampiros e outros sustos* (2012).

Após o (re) conhecimento como escritora, foram muitas as perguntas a respeito da temática das suas obras e o porquê de ser uma autora “fora dos eixos”, ou seja, distante dos grandes centros, pois os grandes escritores estão localizados em São Paulo, e no Rio de Janeiro. Embora seja natural de Santos, foi em João Pessoa na Paraíba que Rezende escolheu morar e “crescer” com a literatura. As temáticas de suas obras chamam a atenção porque se voltam para a sensibilidade do esgotamento humano e para os excluídos, como bem revela a autora em entrevista concedida ao O Globo:

Todos os meus livros falam dos excluídos, porque só posso falar do que conheço. É um tema que quase desapareceu na literatura brasileira. Talvez seja consequência da concentração geográfica de escritores publicados e divulgados. No Brasil sempre foi assim: o sujeito que queria ser escritor tinha que se mudar para Rio ou São Paulo. É claro que isso cria distorções. Se eu escrevo sobre uma educadora no sertão nordestino, sou tachada de regionalista. Mas quem escreve literatura de alcova e bar ambientada em um bairro de classe média de São Paulo não é chamado de bairrista. É considerado autor de “literatura urbana universal. (O GLOBO, 2016).

Como sugere Rezende, para escrever com firmeza sobre um determinado assunto é necessário conhecê-lo, e por este motivo suas obras são autênticas, pois a autora conhece muito da vida dos excluídos, pois teve contato com as classes menos favorecidas com o seu trabalho de educadora popular e freira missionária,

fato que lhe dava maior chance de aproximação com as pessoas desconhecidas. Em relação à vida de escritora suas obras lhe renderam valiosos prêmios, entre eles o Altamente Recomendável em 2007, com a obra *Modos de apanhar pássaros à mão. No risco do caracol* atribuiu-lhe em (2009) o Jabuti e foi premiada com o 3º lugar na categoria infanto-juvenil com o livro *Ouro dentro da cabeça* (2013).

Rezende viajou para outros países como França, Cuba, Angola e entre outros, dando palestras a respeito de seus projetos sociais. Discorrendo sobre a difícil arte de alfabetizar, muitas vezes as famílias não viam importância alguma em relação aos filhos estudarem, mas Rezende muito fortalecida de que o estudo seria o meio mais correto para dar dignidade à vida de pessoas tão excluídas pela sociedade, não desistiu de sua luta como alfabetizadora. O que, segundo ela, não se trata apenas de ensinar a ler e escrever, mas envolve muito mais do que as vivências e os próprios atos em busca de um entendimento que lhe esclareça a vida para um futuro significativo e de igualdade para todos.

3 A MISÉRIA E O SENTIDO DA VIDA DE IRENE E ROSÁLIO

A *Obra o vôo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, escrita em 2005 e publicada pela editora Objetiva, apresenta 17 capítulos. Estes tratam de acontecimentos sobre os desafios da vida, cujo enredo versa sobre diferentes assuntos, entre eles: amor, tragédia, esperança, desejo, realidade, fantasia, frustrações, além de outras questões que se articulam com a identidade dos sujeitos numa mistura de cores e elementos da cultura popular, eventos do presente e do passado.

A personagem Rosálio, um servente de pedreiro, desde pequeno vivia em um mundo “sem cor”, pelo fato de ser filho de mãe solteira e não saber direito nem mesmo sua origem, pois não havia documento comprovando sua existência, e isso o impossibilitava de freqüentar a escola. Somem-se a essas dificuldades desafiadoras, muitos outros obstáculos ao longo de toda a trajetória da personagem até encontrar a palavra e o sentido de sua própria existência.

Apesar das contrariedades que teve de enfrentar, Rosálio não desistiu de suas buscas, de encontrar nas palavras as respostas que tanto procurava, por isso aprender a ler e a escrever o tornaria liberto do obscurantismo. Para isto, era preciso encontrar alguém que pudesse concretizar esse sonho, essa era a razão de

Rosálio para correr o mundo e conseguir pintar de outras cores o lado pardacento que a vida lhe oferecia.

Em uma de suas aventuras em busca de conhecimento, Rosálio vai parar em outra cidade, e ainda meio perdido começa a andar a procura de vida humana. Em um domingo à tarde não há muito que se ver em uma cidade grande, mas eis que surge a grande surpresa: uma pessoa acena para ele e, meio sem saber o que fazer, ele se aproxima da mulher e a partir desse encontro as cores da sua vida começam a fluírem. Sem saber quais palavras deve dirigir à mulher, Rosálio se deixa levar pela fluidez do momento, e é a partir desse encontro que ocorre um processo de metamorfose na vida da personagem.

A ingenuidade de Rosálio o surpreendeu ao ter o primeiro contato com a figura feminina que, ao invés de proferir palavras, o recebeu com atos sexuais. O servente ficou, a priori, atordoado e desconcertado, não sabia o que proferir àquela “pobre” mulher que de tão desesperada deixava transparecer o sofrimento do corpo e da alma. Um no outro, eram duas almas miseráveis buscando, talvez, salvação em um mundo perdido e desigual. E nesse ínterim, Rosálio já não sabia ao certo quem sofria mais, se ele ou aquela mulher, a vida estava sendo dura com os dois, isso era patente.

O personagem masculino após conversar com Irene sobre o encontro inusitado deles começou então a conhecer a história “cinzenta” da vida dela, uma mulher cuja saúde era limitada visto que não tinha forças nem para ir à feira. A doença que contraiu em uma de suas “consultas” fez com que sua vida fosse limitada, o que de certa forma comprometeu o seu “trabalho”, já que os “clientes” diminuiriam, e as dificuldades aumentaram porque ficou ainda mais difícil conseguir dinheiro para cuidar do filho que vivia com uma pobre senhora. Há muito que a vida de Irene perdeu o sentido e as cores da alegria.

Assim como Rosálio, Irene tem preferência pela cor cinza, que pode significar nesse contexto a ambiguidade e contrariedade da vida dos dois personagens de Rezende. Contudo, os sofrimentos vividos pelos personagens não os fizeram desistir da vida, era preciso alçar vôo que os conduzissem a lugares inimagináveis, as descobertas projetadas ou nunca antes traçadas, por isso fizeram do sofrimento e da dor a pilastra de superação para continuarem a viver e colorir os caminhos da vida.

A obra é rica em descrições, nela há uma forte denúncia acerca da realidade de quem não tem muito a oferecer à sociedade e por isso são, muitas vezes, invisíveis. Essa invisibilidade se dá no plano dos interesses individuais do ser humano e que descarta as pessoas doentes, pobres, negras e faveladas, fazendo surgir assim os marginalizados e, conseqüentemente, excluídos socialmente. Rezende aponta a exclusão e ao mesmo tempo a ligação entre os postergados pela sociedade - negros, prostitutas, analfabetos, pobres, doentes, deficientes, esses, na maioria das vezes, não têm acesso a bens de consumo e aos mesmos direitos que os cidadãos pertencentes à classe abastada.

O vôo da guará vermelha faz menção à realidade dos marginalizados e engendra uma contundente crítica à sociedade contemporânea. A restrição de direitos socialmente necessários faz com que grande parte das pessoas viva um profundo e conflituoso isolamento interno e externo, o que provoca o desequilíbrio emocional, comprometendo as capacidades cognitivas de resolver os dramas existenciais. No romance em análise, pode-se dizer que há uma inversão nesse sentido, os personagens vivem e revelam seus dramas, mas buscam soluções e encontram o ponto de equilíbrio entre SER e ESTAR no mundo, à custa de muitos encontros e desencontros.

A engenhosidade de Rezende revela que além de denúncias sociais a obra mostra que nas mais diversas e complicadas situações pode-se encontrar um elemento que puxa e leva até uma nova descoberta, um novo caminho, uma relação de cumplicidade entre pessoas desconhecidas que se ajudam em troca de nada, que se acolhem em meio à miséria e descobrem uma maneira de (re) começar a vida sempre, independente das situações em que se encontram. A situação de angústias vividas por cada um revela o quanto o homem é capaz de se reinventar, de buscar calma em meio à tempestade. E a cumplicidade e a troca de conhecimento entre Irene e Rosálio possibilitaram a eles o caminho para chegar ao tão esperado “arco-íris”, onde os excluídos não mais são vistos com indiferença, porque seus sonhos concretizam-se e o mundo destes torna-se cheio de cores vivas, brilhantes e libertadoras.

A relação do estado de espírito dos personagens Rosálio e Irene com as cores é conexas ao contexto vivido, o tom de cinza era a única cor em tudo ao redor, nos momentos de angústias e sofrimento. Quando imaginavam que teriam um pouco de melhorias na vida começavam a pensar no encarnado e em outras tonalidades

reluzentes que poderiam surgir e assim incidiam como se fossem uma “metamorfose de cores”, conforme fossem ocorrendo os acontecimentos, mudanças emocionais a “explosão de cores” ia surgindo, e os dois encontravam motivos para celebrar a profundidade da vida.

A cor está presente em todos os lugares; entende-se que ela influencia a forma de ver e sentir da sociedade, ou seja, o estado emocional pode ser percebido através da expressão cromática, seja nas vestes, em pinturas ou mesmo na forma como está sendo posto o significado. Guimarães (2000, p.12) alude o significado da cor como: “A cor é uma informação visual, causada por um estímulo físico, percebida pelos olhos e decodificada pelo cérebro”. A percepção obtida pela linguagem cromática informa o sentimentalismo das pessoas, por exemplo, uma viúva usa preto para identificar a sua dor e tristeza, nesse contexto o cérebro capta a informação do luto, já em um evento social o preto emite sinais de elegância e dessa forma vão acrescentando-se os significados para a visualização das cores.

4 A FIGURAÇÃO DAS CORES EM O VÔO DA GUARÁ VERMELHA DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Há muito tempo as simbologias e os mitos fazem parte do pensamento e do comportamento humano, mas, para alguns, quando se fala em simbologias, estas remetem apenas a dados referentes à imaginação ou a uma criação mental desconexa, algo que não é muito levado a sério. Todavia, pode-se dizer que o valor simbólico depende da visão, ou seja, da forma como está sendo posto, de como é percebido. Se o receptor não consegue visualizar e captar a mensagem, esta não fará sentido, o que a tornará vaga. Para quebrar o tabu da superficialidade das simbologias, muitos estudiosos dizem que estas não mais podem ser vistas separadamente da realidade do homem e nem fator considerado nulo com relação à formação interna do ser. De acordo com Chevalier e Gheerbrant:

O símbolo é, portanto, muito mais do que um simples signo ou sinal: transcende o significado e depende da interpretação que, por sua vez, depende de certa predisposição. Está carregado de afetividade e de dinamismo. Não apenas representa, embora de certo modo encobrindo, como — também de certo modo — realiza e anula ao mesmo tempo. Afeta estruturas mentais. Por isso é comparado a **esquemas** afetivos, funcionais e motores, com a finalidade de demonstrar que de certa maneira, mobiliza a totalidade do psiquismo. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015 s.p).

É possível perceber que os símbolos têm muito mais a dizer do que se imagina, ou seja, dependendo do que seja conceituado como seu significado, eles revelam muito sobre as culturas dos povos. Nesse sentido, cabe afirmar que as simbologias e os mitos se configuram não como um resultado de uma forma de pensamento sem sentido, mas como “algo interno” imanente de cada pessoa, uma vez que o ser humano expressa suas tensões e aspirações por meio de símbolos. Contudo, vale ressaltar, que há certas resistências no que concerne a valorização e a confiabilidade dos símbolos e mitos em função das diferentes culturas, apesar de o pensamento simbólico fazer parte da história da humanidade desde a antiguidade. Sobre este aspecto, Eliade destaca que:

O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade — os mais profundos — que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser. (ELIADE, 1991, p.08).

Diante dessas considerações pode-se observar que o simbolismo não é apenas algo imaginário e lendário, pois funciona como um instrumento revelador dos desejos secretos, dos pensamentos do inconsciente, e também como um importante aliado para o desenvolvimento da mente humana. Considerando que a interpretação do que seja símbolo ou mito é relativa à época, religião e cultura das pessoas, é necessário observar em quais circunstâncias e modos são apresentados os termos. O significado dos símbolos pode variar o conceito e a importância do simbolismo, pois exprimem os costumes de uma determinada região e é por isso que existem os chamados choques culturais.

O *Vôo da Guará Vermelha* (2005), de Maria Valéria Rezende, traz uma série de fatos recorrentes da contemporaneidade sem que a obra perca suas características estéticas. A autora, engenhosamente, ocupa-se dos detalhes e estabelece conexões entre os acontecimentos fictícios e a realidade de forma sutil e sofisticada, expondo os problemas internos e externos do ser humano de forma cuidadosa, sem favorecer frustrações ao leitor, mas provocando suas emoções no

sentido de pensar a vida. O romance de Rezende nos coloca diante de personagens díspares que vivem os mais diversos enfrentamentos da vida.

A demonstração do sentimento de amor e a luta pela superação das dificuldades cotidianas são a tônica da narrativa, cujas personagens, apesar de antagonistas, desafiam as adversidades e buscam um sentido à vida e fugir do marasmo a que estão submetidos. Para reverter o caos é preciso inquietar-se, aprender com as perdas e compartilhar as experiências com o outro, a fim de cooptar a sintonia entre as relações físicas e espirituais. Refletir sobre a própria tragédia pode ser um caminho para compreender as razões de SER e ESTAR em um mundo desordenado, como podemos constatar em vários momentos da narrativa *O vôo da guará vermelha*:

Tudo tão nada que Rosálio nem consegue evocar histórias que o façam saltar para outras vidas, porque seus olhos não encontram cores com que pintá-las. Fome de verdes, de amarelos, de encarnados. [...] Irene cansada, cansada, como custa esforço não pensar em nada!, como custa afastar do pensamento a criança nos braços encarquilhados da velha [...] o papel amarelo com o resultado do exame [...] ir saber se o remédio prometido chegou, pegar o pacote de camisinhas e ouvir a assistente social lhe dizer que mude de vida. (REZENDE, 2005, p.11-13).

A tragédia dos personagens de *O Vôo da Guará Vermelha* é uma realidade de milhares de pessoas no Brasil, onde pobres, analfabetos, homossexuais, prostitutas, negros vivem as mais diversas situações de abandono, preconceito, discriminação e injustiça social, e isso corresponde ao mais violento desrespeito aos direitos humanos pois “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. (CANDIDO, 2004, p.191). Nessa perspectiva, quer seja na ficção ou na realidade, é preciso superar o caos da incerteza, da miséria e da dor, pois a tragédia ultrapassa a linha que separa a vida da morte, ela reside também em estar vivo e sentir-se morto. Assim, o azul sem fim encontrado por Irene pode não ser trágico, dependendo da nossa compreensão pode ser mágico, e é dessa maneira que Rezende costura uma história que provoca inúmeras reflexões de como os excluídos são tratados dentro de um sistema de controle e poder.

À medida em que avançamos à leitura da obra, as facetas da história vão se revelando, numa relação de intimidade mútua entre o enredo, as personagens e o leitor, vistos como inseparáveis na estrutura da narrativa, pois somos convidados a

participar do enredo, provocado pelos sentimentos de medos, angústias, alegrias, desejos de mudanças e de um final feliz. São muitas as impressões que o leitor tem durante o ato da leitura de uma obra literária, e isso é plausível uma vez que o romance produz expectativas que giram em torno do enredo, do ambiente e das personagens que circulam pela história e pelos espaços. De acordo com Candido:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem nos problemas em que se enredam na linha do seu destino — traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. (CANDIDO, 1976, p. 51).

Há uma necessidade dessa indissolúvel relação entre o enredo, o espaço e as personagens, uma vez que esses elementos constituintes da narrativa são fundamentais para a construção de sentido de texto. A autora recorre a recursos linguísticos como as letras “grandes”, que ultrapassam os limites das páginas, para evidenciar a iniciação de Rosálio na escrita que, como todo mundo nessa fase de alfabetização, ainda não possui o domínio dessa competência visto que a sua coordenação motora não permite ter limites no tamanho da letra. No tocante às nomenclaturas dos títulos do romance referentes às cores, isso não se dá por acaso, estão relacionadas com as mudanças no cotidiano das pessoas, de como a experiência cultural de um povo revela a nossa identidade por meio de significações cromáticas.

N’O *Vôo da Guará Vermelha* há uma forte tendência em revelar os fatos cotidianos da vida pela simbologia das cores, ou seja, o estado físico e psicológico de cada personagem tem uma correspondência com uma determinada cor. É possível pensar essa relação, pois desde a antiguidade as pessoas usam associações de influências comportamentais e ligações cromáticas como conhecimento identitário. Discutindo sobre a funcionalidade do simbolismo, Chevalier e Gheerbrant defendem que:

O primeiro caráter do simbolismo das cores é a sua universalidade, não só geográfica mas também em todos os níveis do ser e do conhecimento, cosmológico, psicológico, místico etc. As interpretações podem variar. O vermelho, por exemplo, recebe diversas significações conforme as culturas. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015 p. 275).

De acordo com os costumes de cada povo as interpretações podem variar, mas o valor simbólico das cores sempre estará presente. E na obra observar-se a importância que é dada a simbologia cromática, em cada estado emocional dos personagens ocorre comparações com as cores, e como essas interpretações variam, o que significa em um determinado contexto pode não significar em outro. É necessário, portanto, estar atento ao significado da cor com relação à cultura onde se passa o contexto da narrativa, a época de produção. Sobre essa questão, Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 280), citando Jung, inferem que “as cores exprimem as principais funções psíquicas do homem, pensamento, sentimento, intuição, sensação”, em *O vôo da guará vermelha*, o sentido das cores modifica-se conforme os mistérios do corpo e da alma dos personagens vão surgindo, a luminosidade apresentada na narrativa revela como as pessoas se expressam independente da natureza simbólica utilizada. Como podemos perceber no fragmento abaixo:

Rosálio vê primeiro a mancha vermelha em movimento, surpreendendo-o na dobra da esquina, luz, lufada de ar que alivia a garganta engasgada pelo cinzento, só depois vê a mulher dentro do vestido encarnado [...] cores desmaiadas, manchadas, mas cores, todas cores, em trapos de vestir, em colchas e cortinas, almofadas desbotadas e bonecas estropiadas, nos restos de tintas e papéis nas paredes, em imagens de santos e tocos de vela, em flores de plástico, em bibelôs rachados, em frascos vazios de formas fantasistas, e potes e caixas com rótulos rasgados, cores de vida, fanada, mas vida, ainda pulsante, cores redobradas, multiplicadas nos espelhos partidos, no brilho de retalhos de cetim e das franjas do abajur vermelho[...]. (REZENDE, 2005, p.15).

As cores expressam os sentimentos, sejam positivos ou negativos, e a revelação cromática é posta de acordo com a necessidade de transformar-se, de evoluir. Rosálio menciona as cores com certo “desbotamento”, mas enfatizando a sua importância para aquele estado de espírito em que ele se encontrava. Em determinados momentos as situações conduzem à coloração, em alguns trechos da obra a cor vermelha, por exemplo, é percebida como uma lembrança que causa sofrimentos e angústias, como podemos comprovar com o seguinte trecho: “Rosálio sente dó, tanta dó desta mulher!, faz lembrar aquela guará, vermelha, de pernas longas e finas como caniços, que ele uma vez encontrou enredada nos galhos de um espinheiro, as penas ainda mais rubras, tintas de sangue [...] sangrar até morrer”. (REZENDE, 2005, p.18).

Como podemos observar, o vermelho remete à aflição e à morte, porque se refere ao sangue derramado, ao desespero de quem geme e chora por sentir ou lembrar a dor, já em outros trechos à referida cor tem sentido de recomeço, de esperança, como se comprova na passagem em que Irene insiste para Rosário contar a sua história, e mesmo sem querer revelar sua trajetória triste, o homem rememora e narra até que a mulher adormece e: “Rosário sai de mansinho, segue o caminho das pedras, vai largando as que lhe restam para reforçar o fio que o pode trazer de volta. O coração, agora mais vermelho, lhe diz que amanhã mesmo volta”. (REZENDE, 2005, p. 19), dividir com Irene as suas tristezas provoca uma sensação de alívio e de esperança a Rosário.

Todavia, Irene também precisava que alguém a encontrasse e curasse suas feridas, principalmente aquelas que eram internas, as dores da alma. Quando Irene e Rosário se descobrem, inicia outra fase na trajetória dos dois, e isso confere uma nova configuração à cor vermelha. Assim, “universalmente considerado como o símbolo fundamental do princípio de vida, com sua força, seu poder e seu brilho, o vermelho, cor de fogo* e de sangue*, possui, entretanto, a mesma ambivalência simbólica” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p.944). A partir doutra interpretação da cor vermelha, novos horizontes se abrem, e agora é símbolo de recomeço, de força e de esperança, e com o coração mais alegre e vivo, o sangue pulsa com mais intensidade, pois, a promessa e compreensão de outro olhar modificam muito a vida dos personagens, e o que lembrava agonia agora traz felicidades.

A esperança de viver dias melhores povoa os personagens, com desejos de resgatar sentimentos de outrora eles debruçam-se em pensamentos onde ocorre um colorido diferente e luminoso, como a imagem vista na janela, antes de observar o ser, Rosário captava a cor, que o atraía muito mais do que o próprio corpo feminino. Agora não mais o encarnado apagado, mas o verde que traz consigo a característica da esperança. “É a cor da esperança, da força, da longevidade (e por outro lado, também da acidez). É a cor da imortalidade universalmente simbolizada pelos ramos verdes”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p.939), o verde simboliza a esperança internalizada na força das palavras de Rosário e Irene, externarem as suas dores, parece ser, a priori, a única saída para suavizar um passado triste e o presente sem expectativas.

As lembranças de aventuras sombrias que atormentavam os personagens perdiam espaço para a força e a coragem de novos encontros e reencontros. Não

era fácil remexer em um passado que amargurava tanto a vida de cada um, porém as histórias contadas traziam alento e motivação para encarar um novo amanhecer. O verde revestido de esperança que Irene carregava em seu vestido e em seu interior contagiavam Rosálio, pois durante muito tempo as cores sem vida conduziram os sonhos e pensamentos dos personagens, mas é chegada à hora de querer sentir e vivenciar as alegrias e os prazeres de uma nova vida, e deixar no passado tudo aquilo que lembrava aflição. Assim como o verde, o roxo também revela o estado de espírito da personagem feminina da obra, ela quer ficar bonita para sentir a alegria de viver como já fora em outrora:

Abre uma porta do armário, hoje quer estar bonita, escolhe o vestido roxo que há tanto tempo não veste, vê-se no espelho rachado, parece que agora é antes de que tudo começasse, quando ainda não se via moldura roxa nos olhos e o resto da cara branca como folha de papel, quando Irene era bonita. (REZENDE, 2005, p.35).

A alegria de se reencontrar, de reviver uma época feliz transbordava na cor roxa usada em seu vestido, e como todos os dias as suas vestes denunciavam a fragilidade de sua alma, de seu emocional e através do roxo Irene desabrochava amor e vontade de viver, que ao mesmo tempo transmitia a Rosálio fervura na batalha do descobrimento que ele tanto procurava. O desejo de Rosálio em aprender a ler e escrever era tão forte que mesmo em momentos de decepção procurava manter a calma e o respeito, pois ouvir a mulher ler seus livros era motivo de alegria, e quando isso não acontecia novamente a tristeza tentava corroer sua alma inflamada por acontecimentos de seu passado: “Rosálio leva sua caixa e leva decepção de hoje ainda não ouvir ler do livro de mil histórias, mas há que ter paciência, que a pobre mulher que lê deve estar muito doente”. (REZENDE, 2005, p.38). A ansiedade era tamanha, mas ele sabia respeitar os limites daquela pobre e frágil mulher, que aprendia e ensinava sobre a vida, revelando seu conhecimento sobre a leitura e a escrita, e com uma folha em branco e um lápis de grafia escura desenhava com lindas e grandes letras as histórias contadas por Rosálio.

É plausível reconhecer a importância da literatura no processo de reconhecimento interior e humanitário, pois além de possibilitar muitas formas de conhecimentos ela também pode imputar inúmeras denúncias sociais, por isso “[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e a

visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza”. (CANDIDO, 2004, p.186), o sentido da humanização acontece tanto na vida de Irene quanto na vida de Rosálio. O desejo do servente de pedreiro estava finalmente se realizando, pouco a pouco ele aprendia observando aquelas lindas e enormes letras, e escutando atentamente o som de cada uma delas, o trabalho forçado e sem descanso algum não o impedia de renovar as forças e o desejo de ir à noite ao encontro de Irene e escutar seus ensinamentos, bem como transmitir o pouco que sabia, ou seja, havia uma espécie de intercâmbio das experiências, dos saberes e dos sonhos entre os dois:

Mas hoje acabou mais cedo e Rosálio está ansioso para ver a mulher e as páginas em que ela o guia e onde as palavras o esperam querendo entregar-se a ele, quase corre pelas ruas, chega à janela fechada, bate forte, espera, reza, bate outra vez e ela abre, ri tão contente da vida que parece até bonita. Sobre a colcha cor-de-rosa, o caderno já está aberto, e a mulher lhe mostra “avó”, mais adiante mostra “avô”, “mas este avô não é seu, é o meu que me criou, você me fez lembrar e eu quis escrever aqui”. (REZENDE, 2005, p.41-42).

As lembranças de seu tempo de criança ao lado do avô, um homem que necessitava trabalhar e não tinha escolha a não ser o serviço de quebrar pedras embaixo de um sol escaldante, de forma tão sofrida, podendo dizer até desumana faziam Irene assemelhar a cor ocre ao marrom da terra e a momentos de dificuldades. Semelhante ao tema do capítulo 4 “ocre e rosa” na vida dela também ocorreu uma transição, ou seja, transgrediu de momentos tempestuosos, comparados com o ocre, para fases de calma e esperança espelhados na cor rosa e por isso, agora a colcha cor-de-rosa que dava ânimo ao seu quarto, tinha consigo o conceito de que: “o rosa é a cor das emoções, dos afetos, da compreensão, do companheirismo e do romance. Representa os sentimentos ligados ao coração, como o amor verdadeiro”. (SIGNIFICADO GERAL). A paz interior transmitia alegria e o rosa da colcha talvez retomasse ao passado, quando o amor puro e verdadeiro de Irene por Romualdo havia aflorado. A delicadeza da cor em questão remete ao companheirismo das personagens, uma vez que ambos se desnudam um ao outro para um processo de doação mútua.

Para o personagem masculino também havia uma ligação dos casos vividos com as cores “estampadas”, os trabalhos escravos ao qual ele foi submetido, relacionavam-se com a cor ocre e a partir do momento em que ele encontra em Irene o alento que tanto necessitava, revestia-se de afetos e sensações nunca

vividos, a cor rosa na colcha representava a alegria do momento, como também marcava o (re) começo de ambos. A relação de afetividade e companheirismo entre as personagens foi muito além de desejos carnavais, na verdade este era o menos importante entre os sentimentos dos dois. O carinho e atenção que Irene e Rosálio queriam era bastante diferente daquele que vez ou outra era oferecido, desejo de alguém para conversar, compreender, escutar sem cobrar nada em troca, afeto sincero capaz de tocar no íntimo de cada um. A pureza dos encontros era refletida na forma de tratamento, pois o respeito e o amor caminhavam juntos para escrever uma nova história na vida das personagens.

E tantas foram às dificuldades enfrentadas pelas personagens, situações avassaladoras, mas que foram encaradas com responsabilidade. Rosálio enfrentando as humilhações, as mentiras e as escravidões sofridas como uma lição de vida, e assim lutando dia após dia com um novo olhar para as idas e vindas que a vida dele fazia e, com isso, desenhava uma nova caminhada. Já Irene enfrentava sua enfermidade e sofrimento com discernimento, procurando tratamentos de saúde para prolongar seus dias de vida, fazendo uso de preservativos a fim de não contaminar outras pessoas. Ela não era uma pessoa má, assim como o homem que a infectou. O recomeço das personagens revela a bondade e esperança do ser humano, apesar de muito distintos os dilemas de vida, elas expõem o compromisso de humanidade, de acolhimento e os votos de felicidade que são depositados em uma relação a dois, seja ela de amizade ou de matrimônio.

Rezende demonstra a ligação psicológica, as situações vividas e o comportamento das personagens diretamente ligados às cores que a obra apresenta, quando um novo horizonte se abre há uma visível comparação dos fatos ocorridos com a simbologia cromática. Com efeito, as mudanças que ocorriam para Irene e Rosálio eram refletidas nas nomenclaturas dos capítulos e comprovadas nos acontecimentos diários das personagens. A afinidade entre o “amarelo e bonina” com o momento de transgressão que Irene vivia era explícita, ela vivia uma fase de resgate da alegria que um dia tivera, e o modo como Rosálio a tratava causava-lhe uma paz angelical:

Irene agarra o dinheiro, este não tem de guardar, mostra ao homem onde lavar-se enquanto ela vai à rua e volta quase feliz, com um saco de pão doce, capa de coco ralado no creme farto, amarelo, abelhas zunindo à volta e três ovos bem branquinhos com que fazer um banquete, acende seu fogareiro, passa um café preto e forte, o cheiro bom se espalha pelo quarto de puteiro que perfuma como se fosse uma casa de família, na frigideira de ferro estrala um ovo, mais outro, mais um terceiro, amarelo, e se sente outra pessoa vendo o homem regalar-se como se fosse criança. (REZENDE, 2005, p.49-50).

É possível perceber a importância da simbologia das cores atribuídas à identidade e ao estado de espírito das personagens, um gesto simples de ver a cor amarela nos ovos e nos pães evidencia a luminosidade de novos tempos. O amarelo neste contexto reflete fartura, alegria e riqueza, é verdade que o ouro também reflete a cor amarela, porém a riqueza aqui materializada na cor amarela não é a de bens materiais, mas a de maior valor – a riqueza de afetos e respeito. Nessa perspectiva as personagens vão criando laços de amor e prosperidade juntos. Para Irene é o significado de família que não foi concretizado no passado, pois Romualdo, o grande amor de sua vida, e por quem esperou longos anos, partiu e jamais voltou, e agora a presença e a amizade de Rosálio faz sentir-se amparada e protegida, como uma menina pura e angelical. A alegria de viver momentos especiais ao lado de um homem que pouco a pouco conquista seus sentimentos faz Irene sentir-se viva novamente: “Já despe o vestido verde, escolhe o cor de bonina, quase novo, pouco usado, guardado como promessa de alguma coisa melhor [...]”. (REZENDE, 2005, p. 50).

Em consenso com a premissa anterior, é notável a mudança do estado emocional relacionado com a mudança cromática. Apesar de Irene ter sido infectada por uma doença sem cura, ela encara a vida com mais discernimento, pois reconhece que uma mulher-dama não espera viver um grande amor e principalmente se estiver em estado terminal. Contudo, os sentimentos e a vida de Irene, tomam rumos diferentes: Rosálio lhe trouxe segurança, os cuidados de que ela sempre precisou – a cura das feridas de sua alma, pois o afeto humano é capaz de revelar sentimentos inesperados, o medo, a solidão e o desespero de Irene foram substituídos pelo amor e pela esperança, embora, algumas vezes, Irene parecia desconsiderar que fosse merecedora do sentimento de amor que Rosálio nutria por ela, como se constata no trecho abaixo:

Nem vê que tem companhia, que o homem entrou de mansinho, está parado atrás dela, com sua caixa na mão, escutando o que ela diz, sorrindo move a cabeça no gesto de quem diz não, pousa com todo cuidado a caixa de livros no chão, põe-lhe as mãos quentes nos ombros e a vira para seu peito, “não diga tanta besteira, que o amor não é assim, o amor é como menino que não sabe fazer contas nem de perda nem de ganho, vive desacomodado, não tem lei, não tem juízo, não se explica nem se entende, é charada e susto, mistério”. (REZENDE, 2005, p. 70).

As personagens demonstravam respeito pelas diferenças do outro, as histórias compartilhadas dão início a uma nova história de vida, Irene sentia-se mais intensa e disposta, Rosálio passa a enxergar a vida por outro ângulo, a partir das aulas que a professora lhe dava restituindo a sua identidade diante de um mundo desconcertado. O homem triste por não saber ler encontra resistência para dar lugar a outro Rosálio, que com muito gosto e sacrifício começava a conhecer verdadeiramente as letras: “[...] a mão grossa segurando o lápis, ainda sem jeito, e Irene vendo, feliz, Rosálio escrever, sozinho, com letras tortas, ainda, mas que ela pode bem ler: Eu viajei de avião, passei no meio das nuvens e vi que o céu é sem fim”. (REZENDE, 2005, p. 152).

É interessante perceber que aprender a ler é parte integrante da constituição do sujeito, pois Rosálio, na maior parte de sua vida, viveu na “ignorância” sem ter uma referência que o identificasse como sujeito legítimo de uma sociedade, não conhecer as letras e não ser registrado em cartório o impedia de matricular-se em uma escola e ter uma identidade própria: “[...] eu não tinha nem um nome que prestasse pra se escrever num caderno, Nem-Ninguém ou Curumim, nunca ouvi falar de santo que tivesse um nome assim”. (REZENDE, 2005, p.61). E com esse sentimento de exclusão Rosálio se via diminuído, sem valor e invisível aos olhos da sociedade, mas aos poucos, com a ajuda de Irene, ele começa a construção de um Ser interno para apresentar-se ao mundo exterior, colorido de letras grandes e pequenas por ele decifradas, de cores vivas e contagiantes que eram regadas pelas ações vividas e principalmente por histórias contadas dos livros que carregava com tanto apreço mesmo sem ter conhecimento da importância que tinham. Refletindo sobre a importância da literatura no processo de formação humana, Candido chama atenção para o fato de que:

Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. [...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. (CANDIDO, 2004, p.186).

Percebemos que Candido entende a importância da literatura no processo de humanização porque se configura como uma representação dos extratos sociais. Pensando assim, inferimos que a obra de Rezende apresenta a sociedade dos excluídos, seja pelas condições de miséria mais profunda ou pela perda ou até mesmo pela falta de uma referência identitária. Com isso, Rezende faz ouvir a voz dos excluídos e revela a busca por um sentido da vida, a personagem Irene simboliza a perda da identidade e o recomeço, ao mesmo tempo, pois ainda que viva em estado de extrema pobreza ela só passa a se perder de si mesma quando descobre que está infectada pelo vírus HIV.

Não muito diferente da realidade de Irene, o personagem masculino apresenta uma longa busca na tentativa de conhecer a si mesmo e entre as idas e voltas à vida de Rosálio, assim como o título do décimo quinto capítulo, foi de “cinzento e todas as cores”, a narrativa inicia com o sofrimento refletido na cor cinza e a partir dos processos ocorridos na trama, as cores vão surgindo e mudando de tonalidade a cada novo amanhecer, conforme nos revela o trecho abaixo:

[...] o cinzento cede espaço aqui, ali, acolá, para manchas de outras cores que antes não enxergava porque a cidade não era lugar de vida para ele, era somente passagem onde veio dar, sem rumo, sem esperar quase nada, só nas suas lembranças e no quarto da mulher é que via o arco-íris dar algum sinal de vida. (REZENDE, 2005, p. 158).

Em todas as histórias contadas por Rosálio as cores sempre estavam presentes, tanto nas que ele mesmo inventava como nas que estavam escritas nos livros que ele tanto amava. A cor neste contexto tem papel fundamental como instrumento revelador do sentimento, do inconsciente, pois através da manifestação cromática pode-se compreender a entonação que é dada a narrativa. Em diversos momentos de miséria e sofrimento a cor cinza aparecia como referência e quando a vida começava a modificar-se as cores começavam a desabrochar como se estivessem formando um arco-íris. O capítulo 16 apresenta o dueto cromático “vermelho e branco” nesta parte da narrativa conta-se a história do batismo, do registro civil e dos demais documentos de Rosálio, fatos que culminam no

nascimento de Rosálio da Conceição. Em consonância com esse acontecimento, a vida do personagem masculino passou de vermelho a branco, podia agora ter mais esperança para o futuro e ficar em paz consigo mesmo, assim como a cor branca, sua vida é revestida por essa tranqüilidade, como podemos perceber no fragmento que segue:

Rosálio guarda os papéis que teve o gosto de ler, pensa em quanto sua vida tem mudado, ultimamente, pensa em como essa mulher teve paciência com ele, como soube lhe ensinar a coisa mais importante que ele buscava na vida sem nunca lhe pedir nada se não palavras e histórias que ele ardia por lhe dar, sente o carinho crescendo, deita-se junto de Irene e deixa o amor falar. (REZENDE, 2005, p.176).

É interessante perceber como a linguagem das cores tem influência na vida das pessoas, de acordo com o que já foi mencionado anteriormente a obra enfatiza a todo instante a ligação cromática com o estado espiritual das personagens. As mudanças de sentimentos evidenciadas na narrativa revelam os desejos e sonhos por vezes realizados, ou não, visto que “as cores permanecem, no entanto, sempre e sobre tudo como fundamentos do pensamento simbólico”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p.275). Se observarmos atentamente o desenrolar da história de *O vôo da guará vermelha*, percebemos que quase todos os capítulos têm duetos cromáticos, menos o último, e isto pode ter um sentido expressivo na narrativa no que diz respeito ao sentimento de paz e superação, pois mesmo Irene não estando mais presente fisicamente, Rosálio sente a presença de seu espírito uniformizado em sua alma e graças a ela não há mais vazios.

O azul sem fim que nomeia o último capítulo refere-se ao descanso que Irene tanto buscava, em seu último pedido ela diz a Rosálio que a solte no azul sem fim: “Rosálio colhe nos braços a sua guará vermelha, colhe na boca o sorriso que verte um encarnado vivo e a cobre inteira de plumas, tingindo todas as mágoas, transfigurando-lhe a dor”. (REZENDE, 2005, p.180). É natural que Rosálio sinta tristeza com a morte de sua companheira, mas ele sabe que cuidou muito bem daquela mulher sofrida, e o alento de suas histórias contadas e registradas nas novas páginas da vida, fizeram dos dias de angústias o “alimento” para uma alma ferida como da guará por ele socorrida. Com isso, entendemos que foi significativo o encontro destas vidas, ele aprendeu com a literatura que o impossível não existe e a

melhor maneira de sentir a presença de Irene viva, era sair pelo mundo contando as histórias da vida, o passado, o presente e o futuro que ele mesmo fantasiava:

Vou para o meio das praças, vou para o meio do mundo contar tudo o que já sei e mais as coisas que eu só posso conhecer quando disser, soltando minhas palavras, sem teto, laje ou telhado por cima de minha cabeça que me separe de Irene, que eu sei que por onde eu for a minha guará vermelha, minha mulher encantada, vai sempre me acompanhar, voando entre o azul e mim, e ela quer ouvir meus contos. (REZENDE, 2005, p.181).

Rezende dá voz e vez aos excluídos para mostrar à sociedade que sem oportunidades as pessoas não podem se reinventar, sem respeito e conhecimento não pode haver igualdades de classes, o que desencadeia um número assustador de marginalizados que, muitas vezes, são julgados e taxados como vagabundos, sem que a vida tivesse lhes oferecido o acesso à educação, cultura e até mesmo às condições essenciais de sobrevivência. O personagem Rosálio representa a libertação das amarras sociais e revela que a literatura, como qualquer outra manifestação artística pode, também, transformar vidas. A satisfação de apresentar a literatura aos excluídos é característica marcante na obra, a busca incansável de Rosálio para aprender a ler pode ser transfigurada ao desejo de uma mulher, educadora e escritora de levar conhecimento e esperança às pessoas, cujas identidades e direitos são negados todos os dias dentro um sistema social de poder e controle.

5 CONCLUSÃO

As cores estão presentes no cotidiano das pessoas e podem ter diferentes significados, dependendo da experiência e da cultura das pessoas elas exercem forte influência sobre a personalidade porque provocam estímulos e revelam emoções distintas. A simbologia cromática pode revelar diferentes estados emocionais das pessoas como: esperança, tristezas, morbidez, alegria e bem-estar, por isso a cor está muito ligada à identidade das pessoas e o modo como elas se relacionam em sociedade.

No romance *O vôo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, chama atenção pela profundidade com que autora narra uma história de amor e

cumplicidade que excede a dor e a miséria de suas personagens sem cair no pragmatismo da pieguice. A proporcionalidade das cores varia de acordo com a profundidade das histórias de vida de Irene e Rosálio, se contrapondo ou se harmonizando com o estado de espírito dos personagens.

Em letras grandes e desprendidas nas páginas do romance, os títulos dos capítulos de *O vôo da guará vermelha*, a priori, parecem desconexas e sem significação, porém, uma leitura mais cuidadosa revela uma vinculação das nuances das cores com a condição emocional e espiritual de Irene e Rosálio, um cruzamento de histórias de dor, medo, superação e reencontro com o sentido da vida.

Este estudo possibilitou compreender como a autora Maria Valéria Rezende imprime uma denúncia à condição de miséria e ao abandono a que são submetidos todos os dias milhares de brasileiros, desassistidos e excluídos de forma inumana. Para isto, a educadora e defensora das minorias se apropria de uma linguagem poética e dá vida a uma história emocionante de encontro e reencontro com a alegria de SER e ESTAR em mundo desequilibrado e insensível à vida humana, mas que ainda é possível reinventar-se a cada dia. Com isso, a simbologia que colore a narrativa emerge para expressar os mais fortes sentimentos escondidos no íntimo da alma dos personagens rezendeanos.

De um modo geral, esse estudo constatou que a cor pode revelar um desejo da consciência humana que, por alguma razão, fica subentendido no conjunto de cores que permeiam a narrativa para evidenciar os desejos e reclamar os direitos essenciais de sobrevivência, de convívio social. As histórias vividas, contadas ou fabuladas por Rosálio manifestam a vontade de encontrar um sentido para a vida e, sobretudo, unir forças para ajudar outras pessoas a superarem a dor, descobrir e reinventarem outro modo de viver, com menos sofrimento.

Dada a importância e a complexidade do tema deste estudo, é necessário implementar e ampliar outras leituras sobre a representação e a relevância simbólica das cores na formação identitária, emocional e cultural das pessoas. Esperamos, portanto, que estas reflexões sirvam de motivação para os leitores que ainda não conhecem a obra de Maria Valéria Rezende, que combate o analfabetismo, a desigualdade e a exclusão social no Brasil de forma contundente, com uma linguagem poética para atenuar, possivelmente, a condição de miséria e a experiência da dor de suas personagens e, assim, quem sabe, tentar pintar a vida com as cores do arco-íris de forma mais leve.

THE COLORS AND DEPTH OF LIFE IN THE FLIGHT OF RED GUARA OF MARIA VALÉRIA REZENDE

ABSTRACT

This study consists of understanding how subjects relate to colors and how they influence the formation of individual and collective identity of people. The study seeks, through a qualitative and descriptive bibliographical research, to analyze the symbolic representation of colors in Flight of the red guará (O vôo da guará vermelha) (2005) of Maria Valeria Rezende. For this, it has recourse to the theoretical reflections of authors like Eliade (1991), Candido (1976), Chevalier; Gheerbant (2015), Guimarães (2000) among others. From the readings related to the theme, it was possible to perceive the relevance of the colors regarding the depth and celebration of the life of the characters of the novel. Chromatic symbology has been part of the imagery and psychosocial development since antiquity, rooted in the cultural, psychological and cosmological process, without, however, being confined solely to the mysticism often imputed to the relation of man to colors.

Keywords: Symbology. Colors. Life. Identity

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976, 5ª edição.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, A. Vários escritos. 5ª Ed. Rio de Janeiro: ouro sobre azul, 2004.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)- 27ª Ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. - 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GUILHERME FREITAS. **Entrevista de Maria Valéria Rezende no site o globo** [Internet] Disponível. em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/maria-valeria-rezende-lanca-romance-inspirado-em-sua-atuacao-contra-ditadura-3-18407009>
Acesso em 18/06/2016

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2000.

RESENDE, Maria Valéria. **O vôo da guará da vermelha**.- Rio de Janeiro: objetiva, 2015.

SIGNIFICADO GERAL **da-cor- rosa** [Internet]. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cor-de-rosa/> Acesso em 20/11/2016.